

Bancos vão negociar prazos maiores

ROBERT A. BENNETT
Do N.Y. Times

FILADÉLFIA — Os principais bancos internacionais de todo o mundo anunciaram que pretendem, dentro em breve, dar início às negociações com objetivo de conseguir uma solução a longo prazo para o problema da dívida externa mexicana. Conversações semelhantes, acrescentaram eles, deverão ser iniciadas em setembro com relação ao Brasil.

Em ambos os casos, as negociações deverão resultar em reduções substanciais dos juros recebidos pelos bancos e num aumento do prazo de pagamento. Isto incluiria também períodos prolongados de graça, durante os quais os países não teriam de efetuar quaisquer pagamentos. O mais importante: o refinanciamento incluiria as dívidas que vencem em um ou dois anos, e talvez, as que vencem nos próximos cinco ou seis anos.

O anúncio feito pelos bancos indicou que teve início nova fase na crise da dívida internacional, na qual a comunidade bancária concordaria em fazer concessões maiores do que as feitas até o momento, além de procurar encontrar soluções a prazos mais longos. Caso a nova abordagem funcione conforme o previsto, servirá para mudar a atmosfera de crise de boa parte do problema da dívida, tornando-a mais amena.

A nova abordagem reflete principalmente os substanciais progressos econômicos feitos pelo México e pelo Brasil; mas reflete também a deter-

minação dos banqueiros em desmontar a crise da dívida.

Como os bancos do Estados Unidos emprestaram muito mais dinheiro à América Latina do que os de outros lugares, qualquer facilidade nos prazos deverá afetar muito mais os bancos norte-americanos do que os estrangeiros. Por esses motivos, alguns dos bancos norte-americanos se mostraram bastante relutantes em fazer quaisquer concessões.

Mas a comunidade bancária norte-americana foi abalada no mês passado por uma corrida ao The Continental Illinois National Bank and Trust Co. de Chicago, o oitavo maior banco do país — ele teve de ser resgatado pelo governo federal e por um grupo dos principais bancos.

A queda de confiança foi bem além da instituição de Chicago. Muitos depositantes começaram a retirar fundos de todos os grandes bancos, preferindo aplicar o seu dinheiro em *securities* do Tesouro.

Muitos banqueiros atribuíram o nervosismo do público à crise da dívida latino-americana, que na opinião deles já está melhorando.

"Esta é uma das ironias", declarou Lewis T. Preston, presidente do The Morgan Guaranty Trust Co., numa entrevista na terça-feira, durante a conferência monetária internacional de 1984, que está sendo realizada em Filadélfia.

NOVA MENTALIDADE

"Estatisticamente, todos nós deveríamos estar encorajados em relação ao México e ao Brasil", declarou ele, "mas por causa de uma série de



Paul Volcker também participou da reunião dos banqueiros

problemas não relacionados — o aumento das taxas de juros e a corrida ao Continental — está surgindo uma forma diferente de se pensar a respeito do problema da dívida."

"O nervosismo lá fora era bem maior do que acreditávamos que pudesse ser", acrescentou John G. McGillicuddy, presidente do The Manufacturers Hanover Corp.

O acordo relativo ao problema

da dívida externa mexicana foi elaborado na noite de segunda-feira numa reunião a portas fechadas dos principais banqueiros que estão participando da conferência em Filadélfia. Desta reunião também participaram Jacques de Larosière, diretor administrativo do Fundo Monetário Internacional, e Paul A. Volcker, presidente da Diretoria da Reserva Federal, o banco central norte-americano.

O acordo foi anunciado na terça-feira em Nova York por William R. Rhodes, principal vice-presidente do Citibank, que também é copresidente do grupo de bancos que está cuidando da dívida mexicana.

William Rhodes disse que ainda é cedo demais para dizer exatamente quais são os prazos que o México irá conseguir no refinanciamento de suas dívidas. Mas disse que esses prazos deverão ser melhores do que os obtidos para os pagamentos de 31 de agosto de 1982 a 31 de dezembro de 1984, reprogramados por oito anos, incluindo um período de graça de quatro anos.

Além de servirem para eliminar a atmosfera de crise, as concessões que serão oferecidas ao México e ao Brasil deverão, espera-se, fortalecer a estratégia dos bancos nos seus negócios com outros países.

Especialmente importante, segundo vários banqueiros presentes aqui, é que isso deixará claro que cada país deve ser examinado numa base individual e que os devedores, como o México e o Brasil, que aceitaram fortes medidas de austeridade econômica, serão devidamente recompensados.

"No decorrer dos últimos meses nós nos afastamos consideravelmente da nossa atitude de encarar os países latino-americanos como um grupo", declarou Willard C. Butcher, presidente do The Chase Manhattan Bank.

A concessão de facilidade nos prazos para alguns países e não para outros também deverá, espera-se, reduzir a possibilidade de que os deve-

dores atuem como um bloco nas suas negociações com os bancos.

Por sua vez, os banqueiros atribuem os prazos mais generosos principalmente aos substanciais melhoramentos econômicos conseguidos pelo México e, em menor escala, também pelo Brasil.

UM EXEMPLO

Para Jacques de Larosière, o México é "um impressionante exemplo de como um país, fazendo um impressionante progresso em direção à adaptação, está pavimentando o seu caminho de retorno a um acesso normal aos mercados financeiros".

Segundo Walter B. Wriston, presidente do Citibank, a conta corrente do México conseguiu um superávit de US\$ 5,5 bilhões no ano passado, contra um déficit de US\$ 13 bilhões há três anos. Durante este período, o seu superávit comercial duplicou, chegando a US\$ 13,7 bilhões. Wriston previu que a economia mexicana deverá retomar o seu crescimento ainda este ano, provavelmente com um índice de dois a três por cento. No próximo ano esse índice poderá subir para cinco ou seis por cento. "Tudo isso foi feito por uma habilidosa equipe financeira e por um governo resoluto", disse Wriston. "E trata-se de um padrão que pode ser repetido por muitos outros países."

Os banqueiros presentes em Filadélfia acreditam que o México não deverá necessitar de quantias substanciais de dinheiro novo em 1985.

"O problema da dívida do Terceiro Mundo está deixando cada vez mais de ser uma crise", afirmou Butcher.